

## K-dramas como estratégia de visibilidade para a comunidade Haenyeo



Beátriz Tiemi Agüena de Andrade

2025

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
DEPARTAMENTO DE RELAÇÕES PÚBLICAS, PROPAGANDA E TURISMO

BEATRIZ TIEMI AGUENA DE ANDRADE

K-DRAMAS COMO ESTRATÉGIA DE VISIBILIDADE PARA A COMUNIDADE  
HAENYEO

SÃO PAULO  
2025

BEATRIZ TIEMI AGUENA DE ANDRADE

K-DRAMAS COMO ESTRATÉGIA DE VISIBILIDADE PARA A COMUNIDADE  
HAENYEO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
ao Departamento de Relações Públicas,  
Propaganda e Turismo da Escola de  
Comunicações e Artes da Universidade de São  
Paulo como requisito para obtenção do título  
de Bacharel em Relações Públicas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Nassar de  
Oliveira.

São Paulo  
2025

물결이 일렁이네  
추억이 일렁이네

소녀가 춤을 추네  
꽃다운 나이였지

어느날 저 바다는  
엄마가 되었다네

내 눈물도 내 웃음도  
모두 다 품어줬지

나는 바다다  
나는 엄마다  
나는 소녀다  
나는 해녀이다

As ondas ondulam,  
Memórias ondulam  
Uma garota dança  
Ela estava no auge da sua beleza

Um dia, aquele mar  
Tornou-se uma mãe  
Ele guardou todas as minhas lágrimas e meu riso

Eu sou o mar,  
Eu sou uma mãe,  
Eu sou uma garota,  
Eu sou uma haenyeo

Trecho da música "I am a haenyeo", do coral Hadohaenyeo

## RESUMO

Em um mundo cada vez mais mediado por narrativas audiovisuais, os produtos culturais têm se consolidado como ferramentas de expressão simbólica, mediação cultural e construção de identidades coletivas. Dentre esses produtos, os “K-dramas”, ou doramas, despontam como um fenômeno global, impulsionado pela chamada onda coreana (Hallyu), capaz de acionar o soft-power para transcender fronteiras nacionais e ressignificar a imagem da Coreia do Sul no imaginário global. Mais do que simples fonte de entretenimento, essas produções funcionam como lugares de memória no sentido proposto por Pierre Nora (1993), preservando e atualizando elementos da cultura, valores sociais e tradições que poderiam se perder na aceleração do tempo contemporâneo. Este trabalho propõe investigar como as novas narrativas (NASSAR, 2012) apresentadas pelos K-dramas contemporâneos atuam como meios de visibilidade e de estratégia de comunicação, contribuindo para a preservação da memória coletiva da comunidade de Haenyeos — mulheres pescadoras da ilha de Jeju, Coreia do Sul, reconhecidas como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO em 2016. Tais narrativas oferecem não apenas um registro audiovisual, mas uma oportunidade de reinscrição dessa memória no presente, criando reconhecimento e ressignificação dentro e fora do território coreano. Ao projetar a história das Haenyeos para audiências globais, os K-dramas também contribuem para a constituição do que Benedict Anderson (1983) chama de comunidades imaginadas — coletividades formadas por sujeitos que não se conhecem pessoalmente, mas compartilham símbolos, histórias e afetos que os fazem sentir parte de um mesmo corpo social. Nesse sentido, a representação das Haenyeos amplia a comunidade imaginada coreana para além de suas fronteiras geográficas, permitindo que espectadores estrangeiros se conectem emocionalmente com a história de Jeju e passem a compartilhar, mesmo que de forma simbólica, da identidade coletiva que ali se constrói.

**Palavras-chave:** Narrativa; Memória; Identidade; Soft-Power; K-dramas; Haenyeos.

## **ABSTRACT**

In a world increasingly mediated by audiovisual narratives, cultural products have established themselves as tools for symbolic expression, cultural mediation, and the construction of collective identities. Among these products, “K-dramas,” or dramas, have emerged as a global phenomenon, driven by the so-called Korean wave (Hallyu), capable of transcending national borders and reframing South Korea's image in the global imagination through soft power. More than just a source of entertainment, these productions function as places of memory in the sense proposed by Pierre Nora (1993), preserving and updating elements of culture, social values, and traditions that could be lost in the acceleration of contemporary time.

This work proposes to investigate how the new narratives (NASSAR, 2012) presented by contemporary K-dramas act as means of visibility and communication strategy, contributing to the preservation of the collective memory of the Haenyeos community—female divers from Jeju Island, South Korea, recognized as Intangible Cultural Heritage of Humanity by UNESCO in 2016. Such narratives offer not only an audiovisual record, but an opportunity to reinscribe this memory in the present, creating recognition and re-signification both within and outside Korean territory. By projecting the story of the Haenyeos to global audiences, K-dramas also contribute to the constitution of what Benedict Anderson (1983) calls imagined communities—collectivities formed by individuals who do not know each other personally but share symbols, stories, and affections that make them feel part of the same social body. In this sense, the representation of the Haenyeos expands the imagined Korean community beyond its geographical borders, allowing foreign viewers to connect emotionally with the history of Jeju and to share, even if only symbolically, in the collective identity that is built there.

**Keywords:** Narratives; Memory; Identity; Soft-Power; K-dramas; Haenyeos

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Análise de cenas de K-drama.....	36
Tabela 2 - Análise de cenas de K-drama.....	41

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Coreia do Sul.....	17
Figura 2 - Haenyeos pescando em mar aberto.....	20
Figura 3 - Haenyeos pescando pela costa.....	21
Figura 4 - Haenyeo idosa vendendo polvos.....	23
Figura 5 - Haenyeos se aquecendo e conversando no Bulteok.....	24
Figura 6 - Abalones.....	25
Figura 7 - Haenyeo pescando polvo e abalones.....	26
Figura 8 - Haenyeo Museum (해녀박물관).....	27
Figura 9 - Haenyeo contando expressão de Jeju.....	29
Figura 10 - Depoimento de Haenyeo idosa.....	30
Figura 11 - Capa do K-drama “Winter Sonata”.....	32
Figura 12 - Poster de 'De volta às raízes'.....	37
Figura 13 - Cena do episódio 16 de 'De volta às raízes' (2023).....	41
Figura 14 - Poster de 'Amor e outros dramas'.....	42
Figura 15 - Cena do episódio 1 de 'Amor e outros dramas' (2022).....	45

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2. MEMÓRIA, IDENTIDADE E NARRATIVA NA FORMAÇÃO DE COMUNIDADES..</b>	<b>10</b>
2.1. MEMÓRIA.....	10
2.2. IDENTIDADE.....	12
2.3. NARRATIVA.....	13
2.4. COMUNIDADES.....	15
<b>3. AS MULHERES DO MAR.....</b>	<b>16</b>
3.1. CONTEXTO HISTÓRICO.....	18
3.2. PARTICULARIDADES.....	19
3.3. RELAÇÃO COM O MAR.....	23
3.4. MOMENTO PRESENTE E SEUS DESAFIOS.....	25
<b>4. HAENYEOS EM K-DRAMAS CONTEMPORÂNEOS.....</b>	<b>29</b>
4.1. CONTEXTO E IMPACTOS DO HALLYU.....	29
4.2. PRESENÇA DE HAENYEOS EM K-DRAMAS.....	33
<b>CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS.....</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>45</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A popularização de produtos midiáticos coreanos se tornou um dos fenômenos culturais mais expressivos das últimas décadas, impulsionado pelo soft-power da Hallyu - a "onda coreana" - que promoveu a exportação de música (K-pop), cinema, moda e televisão para um público global. Dentro desse contexto, os K-dramas, se consolidaram como potentes vetores de difusão cultural. Essas novelas televisivas, conquistaram audiências internacionais e se destacam pela capacidade de articular tramas envolventes, estética refinada, temáticas sociais relevantes e forte presença de elementos culturais locais, ou seja, pela capacidade de gerarem as novas narrativas repletas de afeto e sentimento propostas por Nassar e Ribeiro (2012).

Ao apresentar histórias, que incorporam tradições, rituais e dilemas sociais específicos da Coreia do Sul, os K-dramas contribuem para a manutenção da identidade cultural coreana no cenário global. Assim, esse produto funciona como narrativas que, palavras de Paul Ricoeur (1994), articulam tempo e experiência, possibilitando que comunidades se reconheçam e se recontem a si mesmas.

O objeto de estudo principal que motiva esta investigação é a comunidade de Haenyeos, mulheres pescadoras da ilha de Jeju. Há séculos, essas mulheres mergulham sem o auxílio de equipamentos de mergulho, coletando frutos do mar de maneira sustentável e transmitindo os saberes de geração em geração. Essa prática, além de um modo de subsistência, é um lugar de memória vivo (Nora, 1993), que condensa valores de resistência, coletividade e protagonismo feminino em uma sociedade historicamente marcada por tradições confucionistas.

Apesar de seu valor cultural, as Haenyeos sofreram um processo de invisibilidade histórica, que restringiu sua presença na mídia. É nesse ponto que a teoria de Candau (2021) é relevante: ele observa que a memória, além de ser fundamental na formação da identidade, é uma construção permanente que envolve escolhas, disputas e silêncios. A presença das Haenyeos nos K-dramas, portanto, não é neutra: é uma operação de atualização simbólica que reinsere essas mulheres no circuito das narrativas legítimas da nação. Além disso, essa realocação das Haenyeos faz alusão às ideias de Halbwachs (2006), em que a formação da memória coletiva é baseada nos acontecimentos do passado que fazem sentido no contexto presente.

Aqui cabe também associar o fenômeno às ideias de Benedict Anderson (1983) sobre comunidades imaginadas. Para Anderson, a nação é uma comunidade imaginada porque, ainda que seus membros nunca se encontrem, compartilham uma narrativa de pertencimento mediada por símbolos e meios de comunicação, como as atuais plataformas digitais. Dessa forma, ao dar espaço às Haenyeos, os K-dramas permitem que coreanos e estrangeiros se reconheçam a uma narrativa comum, imaginando-se participantes de uma mesma história que atravessa gerações. Vale acrescentar que, por essas produções coreanas serem fictícias e romantizadas, esse processo de expansão traz efeitos polêmicos por mascarem os atuais problemas enfrentados pela comunidade; e também positivos de reconhecimento, no turismo, diplomacia e para a cultura nacional.

Este estudo busca investigar, por meio de método dedutivo e análise bibliográfica interdisciplinar, como os k-dramas contemporâneos, a partir dos efeitos da onda Hallyu, atuam como meio de preservação da memória e identidade da comunidade de haenyeos, reforçando seu reconhecimento social, cultural e aplicando a comunidade imaginada coreana para um público transnacional. Ao longo deste trabalho, será apresentado como a narrativa, memória e identidade dessa comunidade podem ser entendidas e inseridas em conteúdos globais, contribuindo para o processo de valorização e conexão com os telespectadores. Ainda, serão refletidas consequências negativas para as haenyos, bem como janelas de oportunidades que esses novos meios oferecem. Os doramas coreanos contemporâneos: Amor e outros dramas (2022) e De volta às raízes (2023) foram escolhidos como objetos exemplares que se enquadram na análise e que já foram anteriormente vistos pela autora, possibilitando uma visão mais crítica. A partir disso, ao fim do trabalho haverá um quadro com uma seleção de cenas dos k-dramas supracitados contendo observações que destacam elementos ou ações pertinentes à narrativa haenyeo atual, seguidas de uma interpretação relacionada ao repertório bibliográfico.

Essa temática contribui para o entendimento de novos meios de conservação de comunidades centenárias, que contribuíram para a formação da sociedade atual, dentro de um cenário de mudanças narrativas na mídia e na comunicação.

## **2. MEMÓRIA, IDENTIDADE E NARRATIVA NA FORMAÇÃO DE COMUNIDADES**

### **2.1. MEMÓRIA**

A memória é um conceito complexo e multidimensional, ao contrário do senso comum em que ela serve apenas para lembrar acontecimentos passados. O sociólogo francês Maurice Halbwachs, de forma pioneira, dedicou-se ao tema e apresentou a tese de que a memória é uma forma de reconstrução do passado a partir do contexto social. Nessa perspectiva, a sociedade e o meio têm influência nas memórias de cada indivíduo, ocasionando uma estreita relação entre memória individual e coletiva. Apesar disso, Halbwachs não pretende reduzir o ser humano ao coletivo, mas sim entender que se torna impossível reproduzir o passado de maneira precisa devido à incorporação progressiva do exterior às lembranças de cada um (HALBWACHS, 2006).

Para que uma memória exista, é preciso reavivar o sentimento de continuidade no contexto de uma coletividade. Nesse sentido, o grupo é capaz de reter na consciência o que ainda faz sentido dentro das necessidades do presente. Ainda é preciso lembrar, no entanto, que a memória é coletiva, mas a sua elaboração e o ato de lembrar são sempre individuais (HALBWACHS, 2006).

Esse caráter dinâmico de re interpretação do acontecimento passado para o contexto em que se encontra o indivíduo demonstra como a memória é um fenômeno vivo, completamente vulnerável às transformações. Assim, em busca de prolongá-la o máximo possível, os grupos que carregam a memória concebem sua materialização em forma de museus, arquivos, monumentos e outros registros físicos. Esses lugares de memória (NORA, 1993) são testemunhas de um sentimento vivo de um grupo e representam sinais de reconhecimento e de pertencimento dentro de uma sociedade.

Para aprofundar a compreensão do tema, Joel Candau traz um olhar crítico a partir de percepções da Antropologia, que une conhecimentos da Psicologia e da Sociologia, para compreender o homem em suas faculdades culturais e sociais. Ao invés de focar em abordagens históricas e patrimoniais, o antropólogo contemporâneo concentra suas discussões nas dimensões processuais e cognitivas

da memória. Seu interesse em "Memória e Identidade" (2012) está em analisar e compreender a passagem de formas individuais para formas coletivas de memória e identidade.

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa. Ao final, resta apenas o esquecimento. (CANDAUI, 2012. p.16)

A evocação da memória confere-se como processo ativo e que implica no ato de esquecer. Nesta dinâmica, o esquecimento não é apenas a ausência de lembrança, mas um mecanismo operacional que confere significado àquilo que é retido.

No plano coletivo, existe um sistema em que grupos sociais fornecem um contexto para que os indivíduos filtrem o que deve ser mantido ou esquecido na história passada. Esse mecanismo social reflete como a memória coletiva é reivindicada, construída e manipulada para selecionar um conjunto de representações que serão partilhadas para gerar sentimento de pertencimento e legitimação. (CANDAUI, 2012)

## **2.2. IDENTIDADE**

A memória, como salientada por Nassar (2014), é definida como um processo cognitivo complexo que engloba um conjunto de funções biológicas, fisiológicas e socioculturais. Com a integração desses sistemas, o homem consegue ter a capacidade intelectual para registrar mensagens, comunicar narrativas, selecionar memórias, ou seja, assegurar fatores fundamentais na construção da subjetividade. A evocação da memória, ao modelar e dar continuidade à experiência, permite ao ser humano ter consciência de uma identidade que é, ao mesmo tempo, pessoal e transcendente.

[...] as identidades não se constroem a partir de um conjunto estável [...], mas são produzidas e se modificam no quadro das relações, reações e interações sociosituacionais - situações, contexto, circunstâncias - de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de "visões de mundo" identitárias ou étnicas. Essa emergência é a consequência de processos dinâmicos de inclusão e exclusão de diferentes atores que colocam em

ação estratégias de designação e de atribuição de características identitárias reais ou fictícias, recursos simbólicos mobilizados em detrimento de outros provisória ou definitivamente descartados. (CANDAUI, 2012, p.27)

A representação que o indivíduo faz de sua própria memória, definida como metamemória por Candau (2012), é uma forma de se associar ao passado e moldar o sentimento de pertencimento. Sem o acesso às lembranças e à capacidade de refletir sobre elas, o sujeito é desumanizado e perde o referencial de sua identidade. "A memória é a identidade em ação" (CANDAUI, 2012, p.18), por isso, são dois elementos indissociáveis e que se sustentam.

Nesse contexto, a identidade não é uma essência fixa, mas sim um processo contínuo e gradativo, baseado na intersecção dinâmica entre as esferas particular e coletiva. Para além do individual, o processo de identificação com um determinado grupo social carrega uma dimensão psicológica, pois envolve a negociação e interação contínua entre os membros (MELUCCI, 2002).

### **2.3. NARRATIVA**

A narrativa constitui uma forma de expressão milenar pela qual os seres humanos registram e transmitem suas experiências ao longo do tempo. O ato de narrar eventos, rituais e símbolos — elementos vulneráveis ao esquecimento e à corrosão temporal — assegura a perdurabilidade de histórias que, no contexto social, se manifestam como representação e expressão das culturas e dos espaços de uma sociedade. A transmissão e o repasse dessa herança, na forma de memória, perpassa todas as culturas e opera como um processo de identificação tanto dessas culturas quanto dos indivíduos que as integram (NASSAR; FARIAS, 2018).

Ainda, para Nassar, Farias e Ribeiro (2019), as narrativas possuem impactos sociais e psicológicos significativos para a identidade de uma sociedade a partir do momento em que contribuem para a configuração de atuação e a orientação de comportamentos coletivos, gerando sentimento de conexão e permanência. Nesse sentido, assim como a memória é reinterpretada pelo cenário atual em que se encontra o grupo, a identidade narrativa também é dinâmica, cultivada pela organização de ações que agregam sentido ao subjetivo no tempo presente.

A fim de complementar a análise dessa temática, é plausível mencionar Paul Ricoeur, um pensador que contribuiu para a transformação dos estudos narrativos ao abrir campos de estudo que permitiam um olhar mais filosófico que conectam a narrativa com temporalidade, identidade, semântica da ação etc. A partir de suas ideias, entende-se a correlação intrínseca entre tempo e compreensão da experiência humana: "Tudo o que se narra acontece no tempo, desenvolve-se temporalmente; e o que se desenvolve no tempo pode ser contado." (RICOEUR, 1987, p. 24). O ato de narrar é, portanto, uma maneira pela qual o sujeito confere sentido às suas vivências e materializa as experiências de seu processo de autoformação, logo, é um produto da ação humana.

Pesquisas acadêmicas mais recentes sobre narrativa têm se debruçado sobre os meios de comunicação e mídia, com diversos autores buscando transpor as ideias ricoeurianas para além do texto escrito e do gênero discursivo. Para explorar essas novas visões, parte-se do momento em que as mídias conseguiram ultrapassar as barreiras do alcance, em que as narrativas do mundo foram difundidas, mas ainda continuam determinantes para a construção da realidade e produção de sentido. Principalmente no meio televisivo, há a possibilidade de desenvolver objetos ao mundo social, reconhecer e ter prazer nesse conhecimento: "Os meios de comunicação realizam "trabalhos de memória", classificando o mundo para o público, selecionando e ordenando a realidade social, tornando-se, dessa forma, "senhores da memória" da sociedade." (BARBOSA, 2007). Esse desenvolvimento é o processo formador do que se entende por realidade, iniciado a partir da seleção do que será narrado e encerrado após a interação com o público, em que este se apropria da mensagem e gera outra significação.

Contudo, deve-se considerar como o contexto atual é marcado por um intenso fluxo informacional, apresenta uma crise das narrativas tradicionais: " A consequência desse excesso de informações e da atenção difusa é, sobretudo, a escassez de experiências, ou seja, um contexto que não permite tempo e espaço para os sentidos e para os afetos." (NASSAR; RIBEIRO, 2012). As denominadas "velhas narrativas", carregadas de objetividade e funcionalismo, agora, perdem sentido comunicacional e informacional nesse meio sobrecarregado, o que gera um contexto com pouca margem para reflexões significativas e trocas afetivas (NASSAR; RIBEIRO, 2012).

Isso indica um contexto de enfraquecimento das experiências, reflexos de pessoas que não possuem mais tempo para comunicar, falar, ouvir e interagir - de forma significativa e sobre o que realmente pode ser relevante, algo que de fato modifique mentes e corações, de forma positiva e profunda, cultivando a arte dos encontros e dos afetos, ao invés de causar ansiedade e sentimentos sobre a necessidade em ser apenas informantes e informados. (NASSAR; RIBEIRO, 2012, p. 2).

Diante dessa necessidade de repensar o cenário, Nassar e Ribeiro (2012) introduzem as novas narrativas, que vão de encontro a essa onda desordenada de mensagens, pois elas promovem uma mudança de consciência. Observa-se como a comunicação ganha uma abordagem mais relacional e efetiva por meio da colaboração com os públicos, aliada à construção de afetos, mobilização e inspiração, conseqüentemente: experiências humanas. Esse movimento reacende a ideia de como a narrativa é capaz de realizar mudanças e tornar a sociedade mais humanizada. Afinal, a narrativa é muito mais do que contar histórias, é a intenção que permeia o que está sendo dito, é o elo que guia memórias e identidades com ideias e propósitos.

## **2.4. COMUNIDADES**

A partir deste ponto, entende-se a memória como elemento basal da identidade e como as narrativas são capazes de articular todos esses elementos para a formação de uma sociedade com significado, ou simplesmente: uma comunidade.

Para conceituar o que são comunidades, Benedict Anderson contribuiu com estudos relacionados ao nacionalismo e suas influências. Dentro dessa temática, diversos estudiosos anteriores a ele propuseram explicações, inclusive de caráter científico, sobre o que é nacionalismo. Diante disso, Anderson (2008) discute que a melhor linha de pensamento seria a de Hugh Seton-Watson (1977) que afirma ser impossível elaborar uma definição científica de nação, só é legítimo constatar que é um fenômeno presente e que suas variações (nacionalismo e nacionalidade) são produtos culturais específicos.

Guiado apenas pelo consenso de ser um fenômeno existente, Anderson propõe uma definição teórica de nação: "uma comunidade política imaginada - e

imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana" (ANDERSON, 2008). Imaginada porque os membros das nações nunca conhecerão todos os seus companheiros, independentemente dos tamanhos delas. A limitação se deve à presença de fronteiras, que torna o território finito, já a soberania vem do caráter de liberdade que uma nação tem em si mesma, sendo a garantia de um poder soberano.

Por último, dentro da definição apresentada, entende-se que o uso da palavra "comunidade" é feito devido à nação ser projetada por uma camaradagem horizontal. O compartilhamento de muitas coisas em comum entre os indivíduos faz parte da essência do que é uma nação; isso envolve os esquecimentos também. Por isso, o nacionalismo também é imaginado, medida que desperta as invenções partilhadas entre todos (ANDERSON, 2008).

Ao retomar grandes nações do século XVIII mobilizadas pela comunidade religiosa e pelo reino dinástico europeu, pode-se aplicar a teoria de Anderson ludicamente em todos os seus termos. Anderson ainda aponta que foi com o declínio das grandes nações que foi possível parar para pensar nessas comunidades e como são imaginadas. Certos lugares classificam características específicas de identificação e possuem uma proposta de identidade nacional, que vai se transformando ao longo da linha temporal. A criação desse recurso de reconhecimento é primordial durante a formação e união da nação.

Nesse contexto de reflexão das comunidades, os modelos de identidade nacional reaparecem em momentos conturbados, segundo Hobsbawm (2008). José Carlos Reis (2006) acrescenta que o surgimento do capitalismo representa um desses períodos, em que surge a necessidade de reafirmar a capacidade e soberania de realizações grandiosas diante de disputas para além das fronteiras.

Nessa dinâmica, muitas nações buscam a homogeneização das narrativas, cultura, língua e memória para a uniformidade do povo e criar uma identidade geradora de união, mesmo que superficial. Contudo, é imprescindível lembrar que uma comunidade é plural e repleta de dinamismo e transformações devido ao fator cultural.

### **3. AS MULHERES DO MAR**

A ilha de Jeju é uma província autônoma de 1.846 km<sup>2</sup> localizada ao sul da Coreia do Sul. Devido à sua origem vulcânica, Jeju também é conhecida popularmente como “Havaí Coreano”, pois possui um terreno bastante rochoso, que, ao harmonizar com o mar, formam belas paisagens. Por sua gama de riquezas naturais, a ilha é considerada um Patrimônio Mundial Natural da UNESCO desde 2007.

Figura 1 - Mapa da Coreia do Sul



Fonte: Wikipédia. Disponível em:

<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:South\\_Korea\\_-\\_Location\\_Map\\_%282013%29\\_-\\_KOR\\_-\\_UNOC\\_HA.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:South_Korea_-_Location_Map_%282013%29_-_KOR_-_UNOC_HA.svg)>. Acesso em 8 dez. 2025.

Em 2024, a ilha possuía aproximadamente 670.837<sup>1</sup> habitantes e dentre essa população, estão diversas mulheres mergulhadoras que fizeram parte da construção da história e construção dessa província.

Haenyeo (em coreano, 해녀<sup>2</sup>) significa mulheres do mar em tradução literal, mas também são comumente denominadas Jamsu ou Jamnyeo, que significam mulher mergulhadora. Sem equipamentos de respiração, as mergulhadoras vão agilmente até 20 metros abaixo da água para pescarem organismos marinhos

<sup>1</sup> Dado obtido na página sobre Jeju do Wikipédia. Disponível em <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Jeju>>. Acesso em 30 out. 2025.

<sup>2</sup> Pronuncia-se “hênio”.

durante 4 a 5 horas por dia ao longo do ano inteiro. Geralmente, os produtos coletados são vendidos em mercados e restaurantes, exportados ou para subsistência.

As hanyeos estabeleceram seu legado na ilha de Jeju por meio da passagem de conhecimentos lapidados ao longo de gerações, formando uma incrível narrativa de preservação cultural e cuidado com o ecossistema marinho. Essa trajetória explica o seu reconhecimento como Patrimônio Imaterial da Humanidade pela UNESCO em 2016.

### 3.1. CONTEXTO HISTÓRICO

O mergulho é uma atividade de longa tradição, já que existem registros do século 6 sobre o envio de pérolas de Jeju ao rei. A comunidade haenyeo também aparece na literatura da dinastia Joseon<sup>3</sup>, indicando a secularidade de sua atuação. A variedade de fontes e escritos torna incerto o momento exato em que o mergulho se tornou uma atividade exclusivamente feminina, como é atualmente. Estima-se que devido aos impostos restritos aos trabalhadores masculinos e ao envio de homens para as guerras tenham contribuído para a formação e união dessas mulheres pescadoras.

Marwah Shaikh (2024) realizou um estudo focado nas haenyeos de Jeju, que contemplou um levantamento histórico aprofundado para entender como a atividade surgiu e que será usado como base para esta contextualização histórica. Segundo suas pesquisas, no século 15, durante a forte influência da dinastia Joseon, a ilha se tornou exílio de prisioneiros políticos. Por isso, Jeju passou por extremas imposições que incluíam o banimento da circulação extraterritorial por 200 anos. Nesse contexto, a população local começou a depender mais do mar para a sua subsistência, em que os homens saíam para pescar, casualmente acompanhados de suas esposas.

Por volta do século 17, a monarquia coreana (Joseon) impôs altos impostos para os ganhos dos homens, mas isentava taxas para o trabalho feminino. Por falta de alternativas, as mulheres tiveram que se tornar as provedoras de suas famílias. As mergulhadoras se destacaram na atividade pescadora, principalmente por apresentarem maior tolerância ao frio e à dor, comparadas aos homens. No século

---

<sup>3</sup> Joseon foi a última dinastia imperial da Coreia, que governou a península de 1392 a 1910.

18, o termo "Haenyeo" se difundiu amplamente, e houve uma queda acentuada no número de mergulhadores masculinos.

Essa mudança de papéis foi bastante disruptiva considerando a base confucionista<sup>4</sup> que predominava nos países do leste asiático e que guiava os monarcas da Coreia do Sul. Os princípios dessa ideologia ditavam normas sociais e restringiam as mulheres ao papel doméstico, como geradoras de filhos e submissas aos homens, principalmente, aos maridos. Porém, a distância da parte continental do país facilitou uma abertura para a saída das mulheres de suas casas para trabalharem, mesmo que as opções fossem limitadas.

Com a pesca estabelecida, o início do século 20 apresentou um momento de valorização da venda de produtos marinhos. Isso gerou uma expansão na atividade com a organização de fazendas marinhas de cultivo para abastecer tanto o mercado nacional quanto o internacional. Nesse sentido, as haenyeos contribuíram substancialmente para a vitalidade da economia de Jeju.

O auge da atividade mergulhadora foi com a invasão e colonização japonesa da Coreia do Sul (1910-1945). Nessa época, as haenyeos tinham autorização para vender seus produtos, que antes eram oferecidos ao governo coreano como pagamento de impostos. Os japoneses também contratavam de forma assalariada algumas mergulhadoras, contribuindo para a melhoria da situação financeira precária dessas mulheres. Em 1937, existiam 1601 haenyeos em águas japonesas.

Apesar desse redirecionamento econômico, durante a colonização, a língua oficial era a japonesa, suprimindo a cultura e a tradição locais. Mesmo com a permissão para venda de produtos marinhos, as haenyeos enfrentaram altas taxações e sofreram restrições à exploração de recursos naturais da ilha pelos colonizadores. Muitas pescadoras foram forçadas a trabalharem em indústrias ou enviadas como mão de obra para o Japão, separando-as de suas comunidades. Esse momento foi uma tentativa de esquecimento forçado, representando grande ameaça à herança cultural e à economia tradicional dessas mergulhadoras.

Contrariando as imposições, as haenyeos resistiram e mantiveram seu legado, com a preservação de suas práticas e seus conhecimentos, representando um ato importante para a manutenção da identidade cultural da ilha. As haenyeos estão enraizadas na identidade de Jeju e simbolizam um forte elo com a memória ancestral.

---

<sup>4</sup> O confucionismo foi fundado pelo filósofo Confúcio, por volta do século V a.C. na China.

### 3.2. PARTICULARIDADES

O trabalho no mar é chamado de Muljil e envolve uma técnica ancestral que demanda prática e experiência. A coleta em si pode ser realizada tanto pela costa (gotmuljil) quanto em mar aberto (baetmuljil), onde chegam de barcos<sup>5</sup>.

Figura 2 - Haenyeos pescando em mar aberto



Fonte: Community of Dongwie Fish Industry/Haenyeo Museum 1970/1980. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/asset/forming-a-community-of-fishing-industry/dAEIg1trvIIWzg?hl=pt-BR>. Acesso em: 10 nov. 2025.

---

<sup>5</sup> As haenyeo de Jeju - Google Arts & Culture. Disponível em: <https://artsandculture.google.com/story/zQUR-M5it2w0IA?hl=pt-BR>. Acesso em 11 de out. 2025.

Figura 3 - Haenyeos pescando pela costa



Fonte: Luciano Candisani. Disponível em:

<[https://www.nationalgeographicbrasil.com/fotografia/2019/08/senhoras-coreanas-mergulham-para-manter-cultura-centenaria?image=LC\\_mulheres\\_do\\_mar&gallery=41291](https://www.nationalgeographicbrasil.com/fotografia/2019/08/senhoras-coreanas-mergulham-para-manter-cultura-centenaria?image=LC_mulheres_do_mar&gallery=41291)>. Acesso em 10 nov. 2025.

Os materiais utilizados pelas haenyeos durante seus mergulhos incluem: a roupa de mergulho e touca emborrachadas - para oferecer melhor proteção térmica, óculos de proteção, nadadeiras, boia com rede (tewak) - para descanso, sinalização e armazenagem; cinto feito com pedras para ajudar a afundar; entre outras ferramentas de aço que auxiliam na coleta (bitchang, homaeng-i, jaksal, jeonggehomi). A opção por vestimentas de borracha otimizou o trabalho, principalmente durante o inverno, pois antigamente eram feitas de algodão. A modesta quantidade de equipamentos simples se deve ao fato da comunidade se recusar a utilizar materiais mais modernos para evitar maiores impactos antrópicos no ecossistema marinho.

A atividade envolve muitos riscos, por isso, é imprescindível ter o domínio de técnicas, saber controlar o tempo do mergulho, sentir a pressão da água e a quantidade de oxigênio.

Sumbisori é o nome do som de assobio emitido pelas haenyeos ao emergirem da água com o intuito de hiperventilarem e conseguirem ficar submersas por 1 a 2 minutos. A capacidade pulmonar é um dos fatores que representam a notável condição física dessas mulheres, que também é visível pela grande resistência à pressão, agilidade física e adaptação à água gelada.

O mergulho é parte majoritária da identidade das haenyeos, considerado um modo de vida. Por passarem muito tempo debaixo d'água, cientistas encontraram evidências de alterações genéticas nos corpos dessas mulheres que auxiliam o mergulho<sup>6</sup>. Uma dessas características está na tolerância à dor e ao frio, bem como no aumento reduzido de pressão sanguínea ao imergirem. Atualmente, essas descobertas impulsionaram estudos para tratamentos que regulam a pressão sanguínea.

Apesar da pesca ser um ato individual, as haenyeos não podem mergulhar sozinhas, o que testemunha o forte senso de comunidade, preocupação com suas membras e atitudes de solidariedade. A líder da comunidade (dae-sanggun) possui o papel de orquestrar todas as atividades das haenyeos, como autorizar o trabalho após a verificação das condições climáticas, garantir a harmonia e defender os interesses da comunidade. Ao longo de toda a costa da ilha existem as eochongye ou cooperativas de haenyeos, cada uma com sua líder, para garantir a demilitação da área da pesca, questões burocráticas de regulamentação e qualificação.

Segundo a tradição, as haenyeos iniciam seus treinamentos desde a infância por volta dos 8 anos e se tornam haenyeos iniciantes a partir dos 15 anos. Muitas mulheres continuam a laborar até idades avançadas, como 80 e 90 anos. De acordo com nível de habilidade e experiência, independentemente da idade, as haenyeos são divididas em: sang-gun (nível mais alto), jung-gun (nível intermediário) e ha-gun (nível mais baixo). O grupo define quem recebe o status de líder por meio do reconhecimento da expertise e da sabedoria de uma das haenyeos.

Além disso, as idosas costumam pescar em águas mais rasas e com menor frequência. Independentemente do trabalho individual, todas as mergulhadoras costumam dividir toda a colheita de forma igualitária para garantir a sobrevivência geral. Essas atitudes demonstram como o trabalho organizado em equipe garante a maior segurança e proteção dessas mulheres.

---

<sup>6</sup> HUNT, K. Did South Korea's legendary female free divers evolve for a life underwater? Scientists find new evidence. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2025/05/07/science/haenyeo-south-korea-divers-evolution>>. Acesso em 10 out. 2025

Figura 4 - Haenyeo idosa vendendo polvos



Fonte: Seo Jae Chul/Haenyeo Museum. 1976. Disponível em:

<<https://artsandculture.google.com/asset/the-elderly-haenyeo-who-sells-octopus-0011/0QFYED4eg-GFKg?hl=pt-BR>>. Acesso em: 11 nov. 2025.

Por fim, o bulteok é um lugar comunitário cercado por paredes de pedra onde as haenyeos se reúnem antes de trabalharem, para descansar, interagir, realizar livres debates ou se aquecerem em torno da fogueira. Atualmente existem cerca de 70 bulteoks, grande parte deles foi revitalizada para construções fechadas de concreto que permitem aquecimento a gás ou elétrico. Nesses locais de convivência, debates e decisões são realizados, podendo ser visto como a materialização de grande parte do legado dessa comunidade. Por isso, a importância de manter esses locais de memória, mesmo com suas adaptações para o contexto presente.

Figura 5 - Haenyeos se aquecendo e conversando no Bulteok



Fonte: Haenyeo Museum. 2004/2005. Disponível em:

<[https://artsandculture.google.com/asset/bulteok/-AFGn7CQ8\\_T0yQ?hl=pt-BR](https://artsandculture.google.com/asset/bulteok/-AFGn7CQ8_T0yQ?hl=pt-BR)>. Acesso em 10 nov. 2025.

### 3.3. RELAÇÃO COM O MAR

A experiência repassada por diversas gerações faz com que as haenyeos tenham um vasto conhecimento sobre a geografia e biologia marinha, o comportamento do mar, das marés e dos ventos. Em detalhe, também é compartilhado todo o processo de crescimento das espécies que pescam para que possam planejar a coleta conforme o comportamento de cada uma. Essa postura demonstra a possibilidade de coexistência entre humanos e natureza.

O mar, além de ser fonte de renda, é considerado como parte da comunidade haenyeo, por isso, são adotadas atitudes que garantem o cuidado e preservação do ecossistema marinho. Há um rigoroso regulamento entre os grupos, passível de multa para infratoras, que separam regiões propícias para pesca e regulam o que pode ser coletado. Existe também um calendário de coleta organizado de acordo com o tempo de desova, de reprodução e de crescimento de cada ser vivo que pescam.

As haenyeos são famosas pelos abalones - um molusco muito valorizado na culinária de países do leste asiático - mas também pescam conchas, pepino-do-mar,

algas, polvo, ouriço-do-mar e outros animais que possam cruzar seus caminhos. Durante os mergulhos individuais, não é permitido pescar filhotes, ou se forem muito pequenos, pois é necessário que o animal complete seu ciclo de vida para que garanta a existência da sua espécie. Nessa situação, as pescadoras devolvem esses seres ao mar, caso peguem por engano.

Figura 6 - Abalones



Fonte: Hog Island Oysters Co. Disponível em:

<<https://shopoysters.hogislandoysters.com/products/red-abalone>>. Acesso em: 08 dez. 2025.

Para complementar o ciclo de cuidados com o mar, duas ou três vezes ao ano, tem-se o gaettakie, um momento para limpeza da área da pesca para a remoção de ervas marinhas indesejadas que podem afetar as áreas de coleta.

Figura 7 - Haenyeo pescando polvo e abalones



Fonte: Luciano Candisani. Disponível em:

[https://www.nationalgeographicbrasil.com/fotografia/2019/08/senhoras-coreanas-mergulham-para-m-inter-cultura-centenaria?image=LC\\_mulheres\\_do\\_mar4&gallery=41291](https://www.nationalgeographicbrasil.com/fotografia/2019/08/senhoras-coreanas-mergulham-para-m-inter-cultura-centenaria?image=LC_mulheres_do_mar4&gallery=41291). Acesso em: 10 nov. 2025.

### 3.4. MOMENTO PRESENTE E SEUS DESAFIOS

No dia 8 de março de 2018, "Haenyeo - A Força do Mar" estreou no canal da TV Cultura e no National Geographic Channel. A cinegrafista Lygia Barbosa e o fotógrafo Luciano Candisani, brasileiros apaixonados pelo mar, se juntaram à produção desse documentário para retratar a rotina dessa comunidade secular. O filme acompanha as mergulhadoras dentro e fora da água, com a apuração de relatos e ricas conversas que atestam as diferenças entre o passado e o presente.

A questão do declínio do número de haenyeos ativas é um ponto de atenção abordado ao longo do filme. Existe uma alta probabilidade desta geração de haenyeos ser a última, já que mais de 80% das mergulhadoras têm idades avançadas, entre 65 e 90 anos. As mulheres mais novas não estão aderindo a essa atividade como antigamente devido às novas possibilidades de trabalho e ao grande risco de segurança que permeia esse modo de vida. Inclusive, no documentário, muitas haenyeos mais velhas relatam que não tiveram escolhas, exceto ser mergulhadora, apesar disso, incentivam suas filhas a procurarem outras oportunidades diferentes.

O governo de Jeju está tomando medidas para incentivar e dar continuidade à comunidade de haenyeos com a implantação de escolas de treinamento para quem tiver interesse em seguir a carreira. No site oficial de turismo de Jeju<sup>7</sup> há recomendações de locais que envolvem o ecossistema das haenyeos, desde visitas guiadas aos locais de pesca até restaurantes e escolas de treinamento. O poder público também incentiva a permanência da comunidade por meio do suporte financeiro e material, a partir do oferecimento de equipamentos de mergulho e do pagamento de eventuais cuidados ambulatoriais.

Além disso, como forma de preservação da herança cultural, em 2006 foi inaugurado o Museu Haenyeo de Jeju<sup>8</sup>, que atualmente possui três exposições: sobre a vida das haenyeos, seus locais de trabalho e suas existências. O acervo também conta com diversas mostras e documentários disponíveis para fornecer informações detalhadas sobre as tradições e as memórias dessas mulheres. O museu promove anualmente um festival<sup>9</sup> para celebrar as haenyeos, com demonstrações de mergulho, danças e rituais.

Figura 8 - Haenyeo Museum (해녀박물관)



Fonte: Visit Korea. Disponível em:

<<https://english.visitkorea.or.kr/svc/whereToGo/locIntrdn/rgnContentsView.do?vcontsId=103315>>.

Acesso em: 28 out. 2025.

<sup>7</sup> VISIT JEJU. Disponível em: <<https://www.visitjeju.net/en/>>. Acesso em 12 out. 2025.

<sup>8</sup> Jeju Provincial Self-governing Haenyeo Museum.

<sup>9</sup> The Jeju Haenyeo (Women Divers) festival

Esses movimentos de valorização da cultura haenyeo trouxeram repercussões positivas, principalmente por meio da divulgação sobre a comunidade, o que trouxe diversificação para suas rendas com o aumento do turismo. Porém, a popularização também tem reflexos que podem ser alarmantes.

Jeju possui diversos campos de golfe, esporte bastante popular na Coreia do Sul, o que atrai muitos turistas, principalmente coreanos. Só em 2021 foram 2.89 milhões de turistas circulando nos percursos desse esporte, representando um recorde de visitas<sup>10</sup>. Contudo, esse notável aumento de visitantes na ilha provoca consequências ambientais que afetam diretamente o trabalho das haenyeos, principalmente pelo uso indiscriminado de agrotóxicos e pesticidas nos campos de golfe<sup>11</sup>. A presença dessas substâncias eleva o nível de toxicidade, afetando o ecossistema marinho e tornando a água inadequada para mergulho.

Os impactos das atividades humanas, como a poluição e o aquecimento global, geram consequências diretas no trabalho dessas mergulhadoras, o que requer uma grande adaptação desta atividade. Em uma entrevista para *The Guardian* em 2025<sup>12</sup>, Go Myeonghyo, haenyeo da ONG Paran Ocean Citizen Science Center, chama a atenção para os cuidados com o oceano e alerta sobre a queda da quantidade de algas, abalones e corais devido às mudanças climáticas e danos antrópicos. A ONG busca mobilizar a população pela proteção marinha, usando a ciência, dando voz aos interesses sustentáveis da comunidade haenyeo. A voluntária ainda acrescenta sobre as narrativas distorcidas que são repassadas na televisão, principalmente em novelas coreanas, muitas vezes, mostrando um cenário inexistente para uma audiência global.

Com a popularização dos produtos midiáticos coreanos, a comunidade de haenyeos passou a ser mais conhecida e representada. Apesar disso, é importante entender a factual perspectiva das mergulhadoras para que suas narrativas divulgadas reflitam com mais afinco a realidade, mesmo que em tramas ficcionais.

---

<sup>10</sup> HERALD, The Korea. Jeju golf courses log record visitors again in 2021. Disponível em: <<https://www.koreaherald.com/article/2777858>>. Acesso em: 14 out. 2025.

<sup>11</sup> KIM, Su-mi Kim; KIM, Jeong-ha; KIM, Se-ra, KIM, Kil-seong. Use of Pesticides and Application of an Index for Assessing the Possibility of Groundwater Contamination in Golf Courses in Jeju. *Journal of Environmental Analysis, Health and Toxicology*, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.36278/jeaht.26.2.45>>. Acesso em: 13 out. 2025.

<sup>12</sup> BACHELOR, L. South Korea's female freedivers: TV has made stars of the haenyeo but what is their real story? Disponível em: <<https://www.theguardian.com/environment/2025/may/15/south-koreas-female-freedivers-tv-has-made-stars-of-the-haenyeo-but-what-is-their-real-story>>. Acesso em: 28 set. 2025.

A rotina das haenyeos envolve o processo comercial completo: a pesca, a separação e a venda dos seus produtos, em que, muitas vezes, são responsáveis pela parte operacional, de transporte e negociação para exportação. Quando não conseguem mergulhar, realizam outros ofícios em plantações ou restaurantes. Além disso, essas mulheres atuam de forma incessante, até nos momentos de gravidez, refletindo uma história de luta e trabalho duro.

No documentário de Lygia e Luciano, uma haenyeo compartilha uma frase bastante popular na ilha: "em Jeju, é melhor nascer vaca do que mulher". Essa fala demonstra uma realidade de serviço excessivo, em que as mulheres têm múltiplas jornadas de trabalho sendo mergulhadoras, vendedoras, agricultoras, administradoras e cuidadoras, tanto de suas próprias famílias quanto da comunidade de Jeju.

Figura 9 - Haenyeo contando expressão de Jeju



Fonte: CANDISANI, Luciano. Haenyeo, a força do mar ( Em Português ). Youtube. 6 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1oASFsXXLDY>>. Acesso em 11 nov. 2025.

A mídia, com a fotografia e a televisão, ilustra a comunidade de haenyeos como símbolo de força e empoderamento. A autonomia financeira e a liberdade de poder ter um trabalho que condizem com os valores dessas mergulhadoras refletem uma articulação com a agenda feminista moderna (KIM, 2025). O seu sistema de pesca representa um modelo poderoso de solidariedade feminina e ajuda mútua, que contribuiu para o crescimento econômico de Jeju e redefiniu a percepção social das capacidades e papéis de gênero (KIM, 2025).

Apesar disso, é importante pontuar que o empoderamento feminino moderno não está explicitamente dentro da agenda da comunidade haenyeo. Nesse sentido, é preciso ter cautela para evitar leituras superficiais provenientes da mídia popular, que podem ser distantes da realidade. Em contrapartida, essa recente fama dada às haenyeos pode ser interpretada como uma janela de oportunidade para revelar seus verdadeiros interesses de proteção do seu patrimônio cultural e histórico, sem intervenções distorcidas ou politizadas.

Figura 10 - Depoimento de Haenyeo idosa



Fonte: CANDISANI, Luciano. Haenyeo, a força do mar ( Em Português ). Youtube. 6 jun. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1oASFsXXLDY>>. Acesso em 11 nov. 2025.

## 4. HAENYEOS EM K-DRAMAS CONTEMPORÂNEOS

### 4.1. CONTEXTO E IMPACTOS DO HALLYU

Para entender a popularização dos produtos midiáticos coreanos no Brasil e no mundo, ultrapassando as barreiras linguísticas e culturais, é preciso olhar para os movimentos antecedentes que o país coreano sofreu e construiu até que se tornasse um fenômeno global.

A Coreia do Sul foi colonizada pelo Japão entre 1910 até 1945 com a derrota do país japonês na Segunda Guerra Mundial. Durante esse período, a cultura tradicional local foi oprimida pelos colonizadores a fim de consolidar o domínio territorial e cultural. Com o fim da colonização, em 1950, a península coreana, em

busca de se tornar um país unificado, se envolveu na Guerra das Coreias, um conflito armado que sofreu reflexos diretos da Guerra Fria. O Sul, com auxílio das tropas dos Estados Unidos, entrou em guerra com o Norte, ajudado pela União Soviética, que originou a divisão atual entre os países Coreia do Sul e Coreia do Norte. Em 1953, foi assinado o armistício de paz<sup>13</sup>, porém, sem representar o fim oficial do conflito, resultando em relações tensas e complexas até os dias de hoje entre as duas nações.

Apesar dos esforços do governo sul coreano para promover e incentivar o crescimento do país no cenário pós guerra, foi instaurada nos anos de 1990, com ápice em 1997, uma crise financeira dos produtos manufaturados que atingiu com maior intensidade os países asiáticos conhecidos como Tigres Asiáticos<sup>14</sup>: Coreia do Sul, Hong Kong, Singapura e Taiwan. A alternativa encontrada pelo governo da Coreia do Sul para contornar essa crise foi de desenvolver políticas públicas para fortalecer a indústria do audiovisual. A transformação dos produtos culturais em mercadoria gerou uma mudança na economia do país, ultrapassando inclusive os setores automobilístico e de tecnologia, dando início ao sucesso comercial global atual<sup>15</sup>.

Essa mudança histórica e econômica da Coreia do Sul é um exemplo de soft power, termo cunhado por Joseph Nye e refere-se ao poder de um país em se destacar e exercer influência sobre outros sem a necessidade de usar meios bélicos ou econômicos. Algumas das alternativas para exercício desse poder são por meio de: Negócios, Governança, Relações Internacionais, Cultura e Herança, Comunicação e Mídia, Educação e Ciência e Pessoas e valores (NYE, 1990). A partir do caso do país coreano, observou-se a operação da cultura e herança com maior destaque devido ao grande apelo dos campos do entretenimento e da arte na disseminação do Hallyu ou onda coreana.

Em 1999, jornais de Beijing introduziram o termo Hallyu, surpresos com o sucesso da chegada dos dramas coreanos às telas da China (LEE, 2011). Hallyu ou "onda coreana" consiste na tendência da cultura popular coreana baseada em quatro pilares: artísticos, culinários, culturais e de produtos de cuidado pessoal.

---

<sup>13</sup> Armistício de Panmunjom.

<sup>14</sup> Países que experimentaram um crescimento econômico acelerado, especialmente a partir da industrialização focada na exportação na década de 60.

<sup>15</sup> DEWET, Babi; IMENES, Érica; PARK, Natália. K-pop – Manual de sobrevivência: tudo o que você precisa saber sobre a cultura pop coreana. São Paulo: Gutenberg, 2017. p. 21.

Os K-dramas foram os produtos pioneiros que alavancaram a popularização do entretenimento coreano no cenário internacional. "Winter Sonata", lançado em 2002 pela emissora KBS TV foi o primeiro grande marco no mundo dos dramas. A Coreia do Sul ainda se encontrava em recuperação da crise de 1997, um contexto que Lee Young-mi (2011), crítica cultural, avaliou como propício para suavizar os traumas econômicos por meio de romances dramáticos.

No cenário internacional, os dramas transmitidos nos anos 2000 tiveram um nível tão alto de audiências que proporcionaram, inclusive, impacto político na relação com os países vizinhos. Os K-dramas fizeram em menos de um ano o que os diplomatas não conseguiram fazer em décadas. (CAMPOS, TEODORO E GOBBI, 2015). Em 2004, uma fala do primeiro ministro do Japão ficou famosa ao declarar que o protagonista de Winter Sonata, Bae Yong Joo, era mais popular que ele próprio no Japão, exemplificando a repercussão desse sucesso extraterritorial.

Figura 11 - Capa do K-drama "Winter Sonata"



Fonte: Wikipedia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Winter\\_Sonata](https://pt.wikipedia.org/wiki/Winter_Sonata)>. Acesso em 8 de 2025.

O sucesso de 2002 favoreceu a popularização internacional de outros produtos culturais, como o K-pop (Korean pop), que é responsável por movimentar

grande parte do turismo na Coreia do Sul e contribui para manter boas relações diplomáticas com países vizinhos. O fenômeno "Gangnam Style" (2012) do cantor PSY possui mais de 5 bilhões de visualizações no Youtube, sendo um dos vídeos mais assistidos da plataforma, isso demonstrou como a música também tem o poder de expandir e diversificar a onda coreana. A partir daí, outros sucessos mundiais surgiram, como o BTS (Bangtan Boys), que foi o primeiro grupo de K-pop indicado ao Grammy Awards<sup>16</sup> em 2020 e que foi responsável por quase 0,3% do PIB (Produto Interno Bruto) do país<sup>17</sup>.

Ainda no ramo do entretenimento, o filme Parasita (2019) do diretor Bong Joon-Ho, mistura suspense e drama para tratar sobre a desigualdade socioeconômica no sistema capitalista do país. O longa-metragem conquistou o Oscar de Melhor Filme, Melhor Diretor, Melhor Roteiro Original e Melhor Filme Estrangeiro em 2020, um feito histórico para o cinema coreano, já que nenhuma obra asiática havia ganhado as principais categorias da premiação.

A exportação de telenovelas coreanas ao mundo foi bastante impulsionada ao serem reconhecidas como produtos rentáveis pelas plataformas de streaming, principalmente Netflix e Rakuten Viki (STARK, 2022). A série Round 6 (2021) estreou em primeiro lugar em todos os países que a Netflix atende, sendo que, a primeira das três temporadas alcançou 2,2 bilhões de horas assistidas, marcando o recorde de série mais assistida, segundo a própria plataforma<sup>18</sup>. Além disso, a produção coreana venceu prêmio por atuação no SAG (Screen Actors Guild) Awards 2022, um dos mais importantes e respeitados de Hollywood.

O percurso duradouro da onda coreana é dividido em diferentes fases pelos estudiosos da área. O Hallyu 1.0 foi centrado na disseminação de K-dramas entre os países vizinhos da Coreia do Sul. A combinação entre o crescimento das mídias e a transformação das tecnologias digitais dos anos 2000 dá início à Hallyu 2.0, que exporta o conteúdo coreano para o globo por meio da internet e das redes sociais (JIN, 2022).

---

<sup>16</sup> O Grammy Awards é uma cerimônia de premiação anual da Academia de Gravação dos Estados Unidos, para reconhecer a excelência na indústria da música.

<sup>17</sup> VEJA. O que há por trás da usina pop coreana, do sucesso BTS a 'Round 6', Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/o-que-ha-por-tras-da-usina-pop-coreana-do-sucesso-bts-a-round-6/>>. Acesso em 30 set. 2025.

<sup>18</sup> G1. 'Round 6' bate recorde e se torna série mais vista da história da Netflix, diz empresa. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2021/10/12/round-6-bate-recorde-se-torna-serie-mais-vista-da-historia-da-netflix-diz-empresa.ghtml>>. Acesso em 29 set. 2025.

Yun Jung Im, professora e coordenadora do curso de Coreano da USP, explica as outras ondas: a partir de 2010, há uma intensificação do K-pop e do K-drama em escala global com o Hallyu 3.0 e, por fim, a fase atual é o Hallyu 4.0, marcado pela expansão de áreas como moda, beleza e outros produtos diversos. Im ainda acrescenta a possibilidade de uma quinta onda em que o estilo de vida coreano será destacado, indicando que o Hallyu não será apenas um modismo<sup>19</sup>.

O sucesso dos estágios iniciais da onda coreana sugere que a proximidade geográfica, cultural e religiosa tenha contribuído para a popularização regional dos produtos culturais coreanos (JIN, 2022). A partir dos anos 2000, observa-se que a indústria criativa no país se debruçou para buscar novos públicos, a partir do entendimento de que é fundamental garantir a diversidade de conteúdo (JIN, YOON, 2017).

Dal Yong Jin (2022), estudioso de mídia e professor na Escola de Comunicação da Universidade Simon Fraser, alega que a manutenção da popularização da onda coreana hoje vem da proximidade transnacional, uma sensibilidade comum que ressoa entre todos ao redor do mundo, um cenário que faz alusão ao contexto de mudanças das novas narrativas (NASSAR, RIBEIRO, 2012). Para ilustrar, Round 6 é uma série que retrata como oportunidades ainda existem em meio às dificuldades que trazem os males da sociedade moderna capitalista. Já o grupo BTS conquistou fãs de diversas gerações com suas músicas que contém mensagens de amor e esperança (JIN, 2022).

Após essa contextualização, pode-se perceber como o fenômeno do hallyu foi construído por fundamentos políticos e econômicos, uma estratégia da nação escolher como sua narrativa identitária será repassada ao mundo por meio do entretenimento.

O início da expansão da Onda Coreana pela Ásia foi liderado pelos dramas televisivos[...]. Vencendo aos poucos as barreiras linguísticas, políticas e culturais, os k-dramas abriram caminho para a divulgação da música pop sul-coreana através de suas trilhas sonoras e, mais tarde, com seus cantores-atores. Essas duas vertentes do fenômeno Hallyu dialogam entre si e, juntas, difundem uma noção do que é “ser coreano. [...]”. (MANZUR, 2014)

---

<sup>19</sup> USP, Jornal da. Muito além do K-pop, cultura coreana desperta cada vez mais o interesse do brasileiro. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/?p=932360>>. Acesso em 15 set. 2025.

## 4.2. PRESENÇA DE HAENYEOS EM K-DRAMAS

A maioria dos dramas coreanos possuem entre dezesseis e vinte e quatro episódios com 50 minutos de duração. Os canais de televisão da Coreia do Sul, transmitem de dois a três dramas todos os dias no horário nobre - entre 20h e 23h durante a semana e entre 18h e 23h nos finais de semana (JONGHOE, 2007; TUK, 2012). Atualmente, o maior consumo de dramas ocorre pela internet de forma online ou por downloads dos episódios, em websites e plataformas de streaming.

Os K-dramas foram produtos da vanguarda da exportação cultural coreana e contribuíram para os impactos positivos na difusão do Hallyu até a atualidade. O sucesso desse tipo de conteúdo é devido à procura por um formato de drama único, que se diferenciava das novelas comuns (MARTEL, 2012).

Os K-dramas se configuram como produtos audiovisuais bem singulares e estruturados quanto ao seu apelo visual e emocional, considerando a autenticidade que atravessa suas narrativas, nas quais são representados costumes, valores e estéticas enraizados no contexto sul-coreano. As obras exploram a essência cultural do país - como padrões de beleza, modos de vida, escolhas estéticas e estratégias específicas de construção narrativa — elementos que funcionam como mecanismos de atração e engajamento, contribuindo para a consolidação de novos e diversos telespectadores (PACHECO, 2022).

Considerando a proporção de influência que tomaram os K-dramas, é possível entender como esse produto tem a capacidade de comunicar a narrativa da sociedade coreana e suas particularidades culturais, inserindo comunidades marginalizadas na narrativa identitária da Coreia do Sul. Esse espaço de visibilidade contribui para a reafirmação do sentimento de reconhecimento e pertencimento.

Nesse sentido, serão apresentados quadros de análise de cenas significativas de dramas coreanos contemporâneos<sup>20</sup> que abordam as mergulhadoras Haenyeos com o objetivo de demonstrar como os K-dramas promovem suporte para a preservação da memória, identidade e narrativa dessa comunidade secular. O preenchimento dos esquemas irá contemplar: a descrição narrativa da cena; os elementos que simbolizam a comunidade haenyeo; quais são as dimensões teóricas podem ser relacionadas; e a interpretação da autora em relação à conjuntura de

---

<sup>20</sup> Os K-dramas analisados foram selecionados pela autora como obras exemplares para o objetivo do estudo.

todos os tópicos. Cada quadro será acompanhado de uma breve ficha técnica e pôster oficial para melhor ilustração e contextualização.

**Ficha técnica:**

Título (em português): De volta às raízes

Título original: 웰컴투 삼달리

Direção: Cha Young Hoon

Roteiro: Kwon Hye Joo

País: Coreia do Sul

Idioma: Coreano

Gênero: Comédia romântica

Episódios: 16

Transmissão: 2 de dezembro de 2023 – 21 de janeiro de 2024

Emissora: JTBC, Netflix, TVING

Sinopse: Ambientado na Ilha de Jeju, após um escândalo desastroso, a fotógrafa Cho Sam-dal (Shin Hye-sun) volta à sua cidade natal e reencontra seu amigo de infância Cho Yong-pil (Ji Chang-wook), reacendendo a chama de um antigo romance.

Figura 12 - Poster de 'De volta às raízes'



Fonte: Reddit. Disponível em:

<[https://www.reddit.com/r/KDRAMA/comments/17rtn2z/jtbc\\_welcome\\_to\\_samdalri\\_teaser\\_poster\\_2\\_ji\\_chang/?t=pt-br](https://www.reddit.com/r/KDRAMA/comments/17rtn2z/jtbc_welcome_to_samdalri_teaser_poster_2_ji_chang/?t=pt-br)>. Acesso em 10 nov. 2025.

Tabela 1 - Análise de cenas de K-drama

Episódio	Descrição narrativa e visual	Elementos visuais e simbólicos	Dimensões teóricas relacionadas	Interpretação
Episódio 1 - As lágrimas do dragão	O enquadramento lento, destacando a beleza natural da ilha de Jeju, com o contraste entre o terreno rochoso e o mar. Haenyeos aparecem pescando abalones embaixo d'água e, em seguida, emergindo ao som do sumbsori.	A água como metáfora da relação de cuidado com o mar; o som do sumbsori reforça o ritmo da respiração da vida coletiva. A música melancólica sugere como a atividade mergulhadora aparenta tranquilidade, quando na verdade é repleta de perigos e dificuldades.	Lugar de memória (NORA, 1993); identidade narrativa (RICOEUR, 1994)	A cena configura o mar de Jeju como parte integrante da comunidade Haenyeo, onde reproduzem e vivem e seus conhecimentos identitários.

<p>Episódio 11 - O que não me mara me fortalece</p>	<p>Grupo de haenyeos de Samdal-ri conversam no bulteok sobre um empresário do continente que quer construir um parque temático no vilarejo. Uma delas argumenta que a indenização seria boa e suficiente para que pudessem parar de trabalhar, o que algumas concordam e outras discordam. A líder interrompe se mostrando contra a ideia: “Precisamos proteger o mar. Se permitirmos essas mudanças, o que será deste lugar? [...] Eu sou o mar, e o mar sou eu.”</p>	<p>O mar, ao fundo da discussão no bulteok, como parte da comunidade haenyeo; a luz quente do pôr do sol traz um tom melancólico à cena, sintonizando com a preocupação sobre as possíveis mudanças no vilarejo; o Bulteok remete à ancestralidade do local.</p>	<p>Identidade como ação da memória (CANDAU, 2012); Lugar de memória (NORA, 1993); Novas narrativas (NASSAR; RIBEIRO, 2012)</p>	<p>Mostra o conflito entre a preservação da memória e a lógica atual do consumo. A narrativa dramatiza o esquecimento dos próprios elementos componentes da identidade (o mar) e propõe o diálogo sentimental como meio de reconexão e resistência simbólica.</p>
---	--	--	--	---

<p>Episódio 16 - De volta às raízes</p>	<p>No início do episódio, Hae-dal, filha da líder do grupo de haenyeos, pensa em procurar uma escola de treinamento para se tornar haenyeo, mas a mãe se mostra contra. No fim do episódio, a mãe aceita a decisão de sua filha e ambas aparecem, junto ao grupo, caminhando pela costa para irem mergulhar. Mãe e filha se entreolham e depois, retornam o olhar para o mar.</p>	<p>A fusão entre o tempo passado e presente pelo foco na mãe e na filha juntas; a filmagem em plano geral com o mar e as haenyos simboliza a identidade; a música de fundo dá tom caloroso à cena sugerindo a continuidade e esperança.</p>	<p>Novas narrativas (NASSAR; RIBEIRO, 2012); Narrativas de experiências (NASSAR; FARIAS, 2018); Memória coletiva (HALBWACHS, 2006); comunidades imaginadas (ANDERSON, 2008);</p>	<p>Com o repasse de conhecimentos entre mãe e filha, a cena reatualiza a comunidade imaginada coreana: a tradição das Haenyeos é reencenada como memória viva e compartilhada globalmente pelo audiovisual.</p>
---	---	---	--	---

Fonte: Elaborado pela autora (2025)

Figura 13 - Cena do episódio 16 de 'De volta às raízes' (2023)



Fonte: Fandom. Disponível em:

[https://kdrama.fandom.com/wiki/Welcome\\_to\\_Samdalri/Gallery](https://kdrama.fandom.com/wiki/Welcome_to_Samdalri/Gallery). Acesso em 11 nov. 2025.

#### Ficha técnica:

Título (em português): Amor e Outros Dramas

Título original: 우리들의 블루스

Direção: Kim Kyu-tae

Roteiro: Noh Hee-kyung

País: Coreia do Sul

Idioma: Coreano

Gênero: Melodrama

Episódios: 20

Transmissão: 12 de junho de 2022 - 9 de abril de 2022

Emissora: tvN, Netflix

Sinopse: A série retrata a vida de diversos moradores da ilha de Jeju, que têm suas histórias interligadas, abordando as alegrias e tristezas do amor, da amizade e da família.

Figura 14 - Poster de 'Amor e outros dramas'



Fonte: Reddit. Disponível em:

<[https://www.reddit.com/r/KDRAMA/comments/t8drxe/tvn\\_our\\_blues\\_main\\_poster\\_premieres\\_april\\_9/](https://www.reddit.com/r/KDRAMA/comments/t8drxe/tvn_our_blues_main_poster_premieres_april_9/)>. Acesso em 10 nov. 2025.

Tabela 2 - Análise de cenas de K-drama

Episódio	Descrição narrativa e visual	Elementos visuais e simbólicos	Dimensões teóricas relacionadas	Interpretação
Episódio 1 - Han-su e Eun-hui 1	Barco sai da costa com um grupo de haenyeos para mergulharem em mar aberto (baetmuljil). Em seguida, pulam do barco com bastante agilidade e iniciam a coleta, Debaixo d'água, a líder indica para as haenyeos jovens onde é melhor procurar abalones. Todas utilizam roupas emborrachadas, yeoncheol, óculos de proteção, nadadeiras, tewak e ferramentas.	A caracterização das personagens que utilizam os equipamentos tradicionais indica como a realidade atual ainda reflete a tradição. O olhar da líder em busca das mais jovens embaixo d'água reforça a vida e o cuidado coletivo. A música em ritmo animado e retrô sugere a ancestralidade da atividade pescadora.	Narrativas de experiências (NASSAR; FARIAS, 2018); identidade narrativa (RICOEUR, 1994)	A cena traduz o mergulho como ritual de transmissão simbólica e reconexão com o passado. As haenyeos aparecem como mediadoras entre natureza e cultura, guardiãs de um saber feminino ancestral.

<p>Episódio 4- Yeong-ok e Jeong-jun 1</p>	<p>A haenyeo Yeong-ok se atrasa durante o mergulho porque saiu do limite demarcado para coleta. Na área de descanso (bulteok), ela é repreendida pela sua ganância . Em seguida, as haenyeos mais velhas discutem que não deveriam ter aceito uma mulher do continente que tirou certificação em uma escola de treinamento, como Yeong-ok. Uma das mergulhadoras diz que só concordou com a aceitação de uma “estranha” para manter o legado haenyeo.</p>	<p>A separação física e de filmagem entre as haenyeos mais jovens e as mais velhas durante a discussão, sugere embate e diferenças entre o presente e a tradição;</p>	<p>Memória coletiva (HALBWACHS, 2006); comunidades imaginadas (ANDERSON, 2008)</p>	<p>Embate sobre a constituição atual da tradição no contexto presente. A aceitação de mudanças, como a aceitação de uma escola de treinamento, visa a manutenção da comunidade imaginada.</p>
---	---	---	--	---

Fonte: Realização da autora.

Figura 15 - Cena do episódio 1 de 'Amor e outros dramas' (2022)



Fonte: X. Disponível em:

<https://www.threads.com/@samuelng2023/post/DHsXM99PEhv?xmt=AQF06W2vILwGVWnA1A9unPDgJdZaU9R5C5x84IU-4sp6GA>. Acesso em 10 nov. 2025.

## CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS

As análises realizadas ao longo deste trabalho demonstram que os K-dramas desempenham um papel significativo na construção, atualização e circulação da memória coletiva das Haenyeos. A partir das teorias de Halbwachs (2006), Nora (1993) e Candau (2012), observou-se que a representação dessa comunidade não ocorre de maneira neutra ou estática: ela envolve disputas simbólicas, escolhas estéticas e reinterpretações constantes que acomodam tradições seculares dentro das lógicas de consumo contemporâneo.

As cenas analisadas, apesar de serem poucas, puderam evidenciar como os K-dramas utilizam elementos visuais — como o mar, o bulteok, o sumbsori e a relação intergeracional — para construir uma narrativa que insere as próprias Haenyeos como lugares de memória vivos, associados à resistência, coletividade e identidade, não somente de Jeju, mas da Coreia do Sul. Ao mesmo tempo, foi possível identificar tensões, como o conflito entre a preservação do legado e as pressões econômicas e turísticas, tema recorrente nas obras *De volta às raízes* (2023) e *Amor e Outros Dramas* (2022). Tais representações ajudam a reforçar a

comunidade imaginada coreana (ANDERSON, 1983), expandindo-a para públicos transnacionais (JIN, 2022) que passam a se identificar afetivamente com as novas narrativas (NASSAR; RIBEIRO, 2012) dessas mulheres.

Contudo, este estudo também permite problematizar limites e riscos desse processo de visibilização. Apresentar apenas uma parcela da vida das haenyeos e como personagens secundários à trama principal, pode gerar uma visão distorcida e romantizadas que atenuam condições reais de trabalho, apagando a exaustão física, o envelhecimento da comunidade e o declínio acentuado do número de mergulhadoras ativas, como apresentado no capítulo 3.4. Além disso, considerando a constante expansão do Hallyu, seus impactos como soft-power e efeitos imprevisíveis, a apropriação midiática pode reforçar um olhar turístico que transforma sujeitos históricos em símbolos consumíveis, reduzindo a complexidade de suas experiências aos moldes estéticos do entretenimento.

Ainda assim, os K-dramas se revelam como meios relevantes de preservação simbólica. Mesmo quando idealizadas, as narrativas televisivas reinscrevem as haenyeos no imaginário coletivo do país, fortalecendo seu reconhecimento cultural e despertando interesse internacional por sua história. Esse movimento pode gerar oportunidades, como o incentivo a museus, festivais, políticas públicas e novas formas de registro de suas práticas.

Portanto, conclui-se que os K-dramas não apenas representam as haenyeos, mas participam ativamente da construção contemporânea de sua identidade pública. Esses produtos funcionam como espaços de interação entre memória e presente e como formas vivas da cultura e da herança - ainda que transformadas - dessa comunidade centenária. Futuras pesquisas podem aprofundar a continuidade dessas representações em outros produtos culturais, bem como suas dimensões éticas, investigar recepções do público internacional e comparar esses casos com outras comunidades tradicionais que também passaram por processos de patrimonialização midiática.

## REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a expansão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BACHELOR, L. South Korea's female freedivers: TV has made stars of the haenyeo but what is their real story? The Guardian, 2025. Disponível em: <https://www.theguardian.com/environment/2025/may/15/south-koreas-female-freedivers-tv-has-made-stars-of-the-haenyeo-but-what-is-their-real-story>. Acesso em: 28 set. 2025.

BARBOSA, M. C. Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória. Rio de Janeiro: EdUff, 2007.

CANDAU, Joel. Memória e identidade. São Paulo: Contexto, 2012.

CHO, Wu-Suk. Riding the Korean Wave From 'Gangnam Style' To Global Recognition. Global Asia, v. 7, n. 3, 2012.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 2006.

HOBBSAWM, Eric J. Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade. 5. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

JIN, D. Y.; YOON, T. J. The Korean Wave: Retrospect and Prospect – Introduction. International Journal of Communication, v. 11, 2017. Disponível em: <https://ijoc.org/index.php/ijoc/article/view/6296/2047>. Acesso em: 10 nov. 2025.

JIN, Dal Young. 새로운 한류 신화를 쓰기 위한 제언 ["Propostas para escrever um novo mito da onda coreana"]. Trend, v. 32, sec. 11, 2022. Disponível em: <https://www.kocca.kr/trend/vol32/sub/s11.html>. Acesso em: 27 set. 2025.

JONGHOE, Yang. Globalization, Nationalism and Regionalization: The Case of Korean Popular. *Development and Society*, v. 36, n. 2, p. 177–199, 2007. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/deveandsoci.36.2.177>. Acesso em: 27 set. 2025.

KAWANO, B. K. Diplomacia cultural como forma de exercício de poder: Soft Power coreano. 2021. Artigo científico (Graduação em Relações Internacionais) – FAJS, UniCEUB, Brasília, 2021.

LEE, Claire. Remembering “Winter Sonata,” the start of hallyu. *The Korea Herald*, 2011. Disponível em: <https://www.koreaherald.com/article/10353085>. Acesso em: 10 out. 2025.

MARTEL, Frédéric. Geopolítica dos dramas, novelas do Ramadã e telenovelas. *Mainstream: a guerra global das mídias e das culturas*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MAZUR, Daniela. Um mergulho na Onda Coreana, nostalgia e cultura pop na série de K-dramas “Reply”. In: VII Encontro de Estudos Coreanos – USP, São Paulo, 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação).

MELUCCI, Alberto. *Acción colectiva, vida cotidiana y democracia*. México: El Colegio de México, 2002.

NASSAR, Paulo. Novas narrativas e memória: olhares epistemológicos. In: KUSCH, Margarida Maria Krohling (org.). *Comunicação organizacional estratégica: aportes conceituais e aplicados*. São Paulo: Summus, 2016. p. 77–100.

NASSAR, Paulo; COGO, Rodrigo Silveira. Identidade é o território organizado e assegurado pela memória e pelas narrativas. *Organicom*, v. 11, n. 20, p. 50–60, 2014. Disponível em: <https://revistas.usp.br/organicom/article/view/139216/134558>. Acesso em: 12 set. 2025.

NASSAR, Paulo; FARIAS, L. A. B. Memória, identidade e as empresas brasileiras: a difícil metamorfose. In: FILGUEIRA, João; PEIXINHO, Ana Teresa (orgs.). *Narrativas*

mediáticas e comunicação: construção da memória como processo de identidade organizacional. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018. p. 331–356.

NASSAR, Paulo; FARIAS, Luiz Alberto de; RIBEIRO, Emiliana Pomarico. Narrativas rituais: uma aproximação entre comunicação e antropologia. In: Tendências em comunicação organizacional: temas emergentes no contexto das organizações. Frederico Westphalen: FACOS-UFSM, 2019. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002980493.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2025.

NASSAR, Paulo; RIBEIRO, Emiliana Pomarico. Velhas e novas narrativas. *Estética*, v. 8, 2012. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/002446300.pdf>. Acesso em: 27 set. 2025.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, n. 10, p. 7–28, dez. 1993.

NYE, Joseph S. *Soft power: the means to success in world politics*. New York: Public Affairs, 2004.

PACHECO, M. S. Na crista da onda: a cultura pop coreana na atualidade. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 22, n. 2, p. 51–68, maio/ago. 2022.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil 2: de Calon a Bonfim: a favor do Brasil: direita ou esquerda*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

RICŒUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Trad. Claudia Berliner; Revisão de Márcia Valéria Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2010. 3 v.

SETON-WATSON, Hugh. *Nations and states: an enquiry into the origins of nations and the politics of nationalism*. Boulder, CO: Westview Press, 1977.

SETH, Michael J. A concise history of modern Korea: from the late nineteenth century to the present. Rowman & Littlefield, 2009. e-book.

SILVA, M. P. A.; FARIAS, A. C. A transgressão da cultura popular sul-coreana: a Hallyu e sua influência no consumo de produtos sul-coreanos. Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE, v. 7, n. 5, 2021. DOI: <https://doi.org/10.51891/rease.v7i5.1215..>

STARK, Rafaela. Hallyu: a dominação sul-coreana no entretenimento mundial. Em Pauta, 25 abr. 2022. Disponível em: <https://encurtador.com.br/ovG14>. Acesso em: 11 nov. 2025.